

Eixo N° 1: Hoje “no começo está a transferência”? E se não, então como é?

A palavra serve para alguma coisa

Coordenadores: Ana Tereza de Faria Groisman (EBP), Fernanda Costa (EBP)

Integrantes: Alessandra Pecego (São Paulo), Carla Capanema (Belo Horizonte), Diego Cervelin (Florianópolis), Felipe Vianna Pinheiro (Rio de Janeiro), Jovita Carneiro de Lima (São Paulo), Késia Ramos (Pernambuco), Luciana Pedron (Brasília), Marcelo Veras (Salvador), Maria Josefina Fuentes (São Paulo), Melissa Fukuchi Sanches (Brasília), Miguel Antunes (Belo Horizonte), Mônica Campos (Belo Horizonte), Renata Dinardi (Belo Horizonte), Wagner Erlange Monteiro Lima (Rio de Janeiro)

“No começo da psicanálise está a transferência”¹, afirma Lacan na “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”. Nessa ocasião, a transferência se apoia na noção de sujeito suposto saber e nas “emboscadas do amor”².

Tais formalizações visavam esclarecer, na década 1960, o que um paciente endereçava a um analista e, principalmente, como este iria responder. É um debate que mantém sua pertinência e merece ser transposto para nosso contexto: o que um analista faz para que se inaugure uma abertura ao inconsciente? Como alguém começa a se analisar hoje?

No célebre caso do Homem dos Ratos, Freud nos dá elementos para atualizarmos essas perguntas a partir da experiência.

A transferência e os princípios

Na primeira sessão, Ernst³ fez um relato detalhado sobre sua vida sexual, aspecto que chamou a atenção de Freud e o fez indagar porque ele havia priorizado esse tema. O paciente esclareceu ser o que sabia sobre as teorias do analista, além de ter lido acerca dos “trabalhos de pensamento”⁴

¹ LACAN, J., “Proposição de 9 de outubro de 1967”. In.: LACAN, J., *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 256.

² *Ibidem*.

³ O nome do Homem dos Ratos era Ernst Lanzer.

⁴ FREUD, S., “Observações sobre um caso de neurose obsessiva (caso Homem do Ratos) (1909)” In.: *Histórias clínicas: cinco casos paradigmáticos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte, Autêntica, 2021, 339.

em “A Psicopatologia da Vida Cotidiana”. Foi ao se reconhecer nessas leituras que decidiu procurar Freud.

Na sessão seguinte, aparece o que precipitou a demanda: a intensificação de pensamentos obsessivos envolvendo um cruel capitão M. Foi exatamente nessa ocasião que o paciente chamou Freud de “senhor Capitão”⁵, situando o analista como um Outro cruel, dando forma ao “*horror diante do seu prazer, ignorado por ele mesmo*”⁶. Essa face da transferência do Homem dos Ratos que remete ao “fator *negativo* do amor”⁷ acompanhou toda sua análise e se manifestou de várias maneiras, como: insultos em sonhos, em fantasias diurnas ou como uma desconfiança na eficácia das teorias freudianas.

Dentre essas formas de apresentação, destacamos o momento em que Ernst interrompeu sua fala, levantou-se e pediu a Freud permissão para detalhar o castigo com os ratos. O analista reagiu afirmando que embora não tivesse nenhum gosto pela crueldade, era um “imperativo do tratamento”⁸ que o paciente seguisse seu relato, pois, só assim existiria uma superação das resistências.

Ao lermos a resposta de Freud, podemos pensar que quando a transferência apareceu, o analista não a rejeitou, nem a fez consistir. Tal como Sócrates que aponta Agatão para Alcebiades⁹, Freud¹⁰ escapou das armadilhas do amor indicando que a causa estava alhures. Sua intervenção foi sustentada pelo que, para ele, era “imperativo” na psicanálise: a articulação de um dizer. Desta forma, Ernst foi reconduzido ao deslizamento da cadeia significante, colocando em marcha o sujeito suposto saber. A aposta era que a via da palavra em associação livre daria acesso à verdade do sintoma que seu *prazer ignorado* denunciava.

Assim, o caso do Homem dos Ratos nos dá a dimensão da relevância e originalidade da proposta de Freud em considerar a transferência correlata à abertura ao inconsciente bem como o que lhe resiste, via a repetição dos afetos¹¹. Contudo, será com Lacan que poderemos acentuar nesse *prazer*

⁵ *Ibid.*, p. 350.

⁶ *Ibid.*, p. 347.

⁷ *Ibid.*, p. 420.

⁸ *Ibid.*, p. 440.

⁹ LACAN, J., “Proposição de 9 de outubro de 1967”, *Op. Cit.*, p. 256.

¹⁰ Freud à propósito do “fator negativo do amor” (FREUD, 2021, p. 420) cita exatamente essa cena entre Alcebiades e Sócrates em O Banquete de Platão. Ele pretende com isso, fundamentar sua explicação sobre a vida pulsional da neurose obsessiva repetida na transferência. Nesse contexto, confere um destaque ao ódio que é entendido como um afeto preservado pelo inconsciente. Vale notar que o mesmo trecho da obra daquele filósofo aparece em “A Proposição...” ao se referir a Sócrates como o “continente ingrato” (LACAN, 2003, p. 256) do endereçamento de Alcebiades. Consideramos interessante que O Banquete, referência tão central para Lacan nas teses sobre a transferência, já esteja presente no caso do Homem dos Ratos em comentários sobre esse mesmo tema.

¹¹ FREUD, S. “Construções em análise (1937)”, *In.: Fundamentos da clínica psicanalítica*, Belo Horizonte, Autêntica, 2020, p. 368.

ignorado um gozo opaco ao saber que não cessa de não se escrever, índice de um real. Noções fundamentais para nossas discussões atuais.

A transferência no início, ainda?

Nossa época tem características bem distintas daquela do Homem dos Ratos. Ainda assim, apostamos que a vinheta sobre o início do seu tratamento é orientadora para a leitura da nossa experiência. O que muda com a passagem do tempo e o que se mantém apesar dele?

O período em que viveu o Homem dos Ratos é anterior à deflagração do declínio do Nome do Pai. Lembremos que esse significante, que metaforiza o desejo da mãe, articulando algo do gozo à cadeia significante, aos semblantes. Logo, uma época que se organiza prioritariamente pela função do pai, faz valer a ficção edípica como uma verdade que dá tratamento ao gozo. A verdade, então, tem estrutura de ficção, mas, ainda assim, está enlaçada ao real que escapa. Desta forma, o contexto do caso facilita a articulação entre sentido e gozo, saber e paixões.

Percebemos isso quando Ernst procurou Freud por se reconhecer em suas teorias: mesmo antes do surgimento do sujeito suposto saber como índice da abertura ao inconsciente, o paciente supunha ao analista conhecer a verdade sobre seu sintoma. A transferência foi mobilizada por esse saber e ganhou contornos edípicos de uma paixão ambivalente dirigida ao pai.

Hoje, sabemos que não é comum os pacientes chegarem com esse tipo de suposição de saber no Outro. Como comenta Mandil¹², vivemos em um mundo do “declínio do Nome do Pai, com a revelação cada vez mais pronunciada de seu estatuto de ficção, a inconsistência do grande Outro aparece de forma mais pronunciada [...] A partir dessa inconsistência manifesta, tudo se relativiza, tudo passa a ser interpretado como conflito de narrativas, ... criando-se assim ‘uma atmosfera de um mundo sem real¹³’.

Podemos, então, nos perguntar o que é a suposição de saber quando os sujeitos nos procuram sem a crença no Édipo. Como e porque do endereçamento a um analista já que os pacientes chegam com o saber “literalmente no bolso”¹⁴? Nossos celulares nos dão acesso a informações universais produzidas e difundidas pelo *Google*, por *IAs*, *GPSs*, *WhatsApp* e outras redes sociais. Muitas

¹² MANDIL, R. “Eixo 1: O mundo rumo à psicose”, 2023. Disponível em: <https://www.jornadaebpmg.com.br/2023/textos/eixo-1-o-mundo-rumo-a-psicose/>. Acessado em: jul. de 2023.

¹³ MILLER, J. *L'Un tout seul*, Curso n.6 de 09/03/2011 (inédito).

¹⁴ Mandil, R., *Op. Cit.*, 2023.

vezes se manifestam como certezas compactas sem que precisem de qualquer comprovação, nem mesmo científica. Ou seja, aparecem como narrativas sem lastro real, puro semblante.

Verificamos em alguns casos que chegaram a partir dessas referências, uma abertura à psicanálise quando, o analista, advertido sobre a inexistência de um saber no real, pôde fazer valer um desencontro, uma falha no saber *prêt-à-porter*. Por exemplo, para uma paciente, esse tipo de intervenção fez com que ela reconhecesse a contribuição de sua fantasia na interpretação de uma “certeza” difundida nas redes sociais. Logo, ainda que esses inícios pareçam menos exuberantes no que tange aos dramas edípicos, coincidem com o surgimento de um enigma que incluirá o analista numa elaboração de saber, abrindo-se para o inconsciente transferencial e seus efeitos de verdade.

Porém, levantamos outras situações que, no princípio, esses elementos não apareceram claramente. Foi o caso de um paciente que justificou ter procurado a análise por causa de um sofrimento físico. Disse ter chegado sem esperanças, pois, como seu padecimento se manifestava em seu corpo e não no campo das ideias, não acreditava que falar pudesse ajudar. Contou também sobre a procura do analista de forma indistinta de outras tentativas simultâneas (tais como práticas corporais, medicações, outras terapias e vários analistas). Contudo, embora tal descrença, surpreendeu-se ao constatar que, uma palavra destacada de sua fala, teve como efeito um alívio no corpo. Voltou na segunda sessão porque percebeu que *a palavra serve para alguma coisa*.

A descrença na palavra e o “fazer verdadeiro”

Sabemos que no último ensino de Lacan, a menção à transferência torna-se cada vez mais incomum¹⁵. Dentre esses raros momentos, Lacan¹⁶ apresenta uma abordagem do tema que nos interessa para situarmos perguntas e hipóteses sobre os casos discutidos. Lacan¹⁷ afirma que o sujeito suposto saber foi a forma que ele encontrou para situar a transferência positiva.¹⁸ Contudo, nesse momento do seu ensino, valoriza a transferência chamada negativa e o ódio como um índice de que “sente-se bem que aí há alguma coisa”¹⁹ em oposição ao Outro que não existe.

¹⁵ LAURET, E. “Disrupção do gozo nas loucuras sob transferência”, *Opção Lacaniana*, n° 79, São Paulo, Eólia, 2018, p. 52.

¹⁶ LACAN, J. *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (1976-1977). Lição de 10 de maio de 1977, (inédito).

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ *Ibidem*.

¹⁹ *Ibidem*.

Vimos que a transferência negativa também estava presente no caso do Homem do Ratos. Além de outros aspectos, ele colocava a teoria de Freud sob suspeita, articulando, assim, sua hostilidade ao saber. A partir disso, como poderíamos pensar a forma com que aquele paciente que desacredita na palavra chega à análise? Certamente não se trata, tal como no caso de Ernst, da suposição de saber sobre o sintoma.

Por outro lado, ainda que aquele paciente tenha uma descrença na palavra, isso não o impede de endereçá-la, em vários lugares, indistintamente. Não seria esta a manifestação de um mínimo de ódio, índice de um gozo que há, ao passo que a descrença na palavra, no saber, testemunharia a inconsistência do Outro? Não poderíamos pensar que diante de um endereçamento indistinto, só um analista pode fazê-lo valer como transferência? Nesse sentido, não seria o caso de tomar aquela descrença como uma forma mínima da transferência negativa?

Ainda no “*L’insu...*”, à propósito da transferência, Lacan apresenta que “a psicanálise é o que faz verdadeiro (*faire vrai*)”²⁰. Para Mandil²¹, podemos pensar esse ‘fazer verdadeiro’ como uma forma do analista responder ao que o analisante lhe endereça, conferindo à palavra um valor de verdade. “Não da verdade como estrutura de ficção, mas da verdade em sua dimensão referencial, naquilo que ela aponta um gozo. Ou seja, dar ao gozo um valor de verdade referencial, restituindo a possibilidade de nomeá-lo por um meio de um significante novo”²².

Ainda nesse caso, esse “fazer verdadeiro” parece acontecer quando a palavra, mesmo desacreditada, demonstra que *serve* como significante que tem efeitos sobre o gozo. Um gozo que afeta o corpo e testemunha que nem tudo é semblante, constatando, assim, a ex-sistência de um real.

Fazendo uma leitura retroativa, não poderíamos reconhecer nos outros casos, mesmo aqueles articulados ao sujeito suposto saber, aspectos similares? Por exemplo, no caso do Homem dos Ratos, o efeito de surpresa produzido no encontro com Freud, deu-se justamente por ele não encarnar nem o saber nem o afeto que lhe foi direcionado, mas sim, fazer o paciente se deparar com a contingência do gozo opaco que irrompeu de seu próprio dizer. Nesse ponto, podemos verificar que o caso de Ernst é atual: ainda hoje o início de uma análise acontece quando o gozo silencioso encontra a palavra que o fissa.

Assim, nas nossas discussões, a transferência renovou seu interesse tanto no que diz respeito aos princípios, quanto ao desenvolvimento de um tratamento. Em uma “atmosfera de um mundo sem

²⁰ *Ibidem*.

²¹ Mandil, R., *Op. Cit*, 2023.

²² *Ibidem*.

real”, a transferência demonstra porque a psicanálise, mesmo advertida de que o Outro não existe e da estrutura de ficção do pai, não cai no relativismo nem na descrença. Sua experiência transmite que se não há saber no real, há um *prazer ignorado*, há o Um de um gozo que não cessa de não se escrever e que os significantes têm aí seus efeitos. E, por isso, desde o início, *a palavra serve para alguma coisa*.

Revisão: Cristiane Barreto (EBP/AMP)

Luis Francisco Camargo (EBP/AMP)